

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 1940

EUGÊNIA GONÇALVES EGLER

Introdução

Privilegiado pela riqueza natural de seu subsolo e pela orientação favorável de seu desenvolvimento histórico, o estado de Minas Gerais, apesar de ser um estado central, sofreu desde a época colonial um desenvolvimento econômico e demográfico importante. A cobiça do homem, ansioso de retirar da terra o valioso ouro, levou consideráveis contingentes humanos a se deslocarem do litoral povoado ao sertão inculto, arrostando toda espécie de obstáculos. Levantado o véu do desconhecido pela intrepidez dos bandeirantes e dado o brado da descoberta do ouro, formaram-se rapidamente os núcleos de mineração agregando temporariamente uma população de vida instável e seminômade. Apesar de relativamente efêmero, este surto teve a grande vantagem de atrair para o coração do país uma população numerosa levando-se em conta as condições da época. Estes núcleos foram o primitivo manancial que alimentou o crescimento demográfico da capitania de Minas Gerais, levando o atual estado a uma situação favorável no panorama demográfico do país. Várias vias de acesso delinearão-se entre as regiões mineradoras em desenvolvimento e os centros econômico-políticos das capitanias litorâneas de Rio de Janeiro e São Paulo, vencendo os obstáculos geográficos representados pelas barreiras serranas. Estas vias originadas pela necessidade de intercomunicação e troca de produtos, contribuirão igualmente para o acréscimo populacional, seja pela facilidade de acesso às regiões novas, seja pela criação de novos núcleos (pousos e registros) ao longo das mesmas.

Com o colapso do ciclo da mineração, em fins do século XVIII, a população existente voltou-se para um novo tipo de atividade: a produção de gêneros de subsistência. A pecuária e a agricultura passaram a absorver os braços ativos e a expansão demográfica, de centrípeta que era durante o ciclo da mineração, passou a ser também em parte centrífuga, irradiando-se a partir dos núcleos demográficos resultantes das atividades da mineração. Assim a atual região do sul de Minas foi povoada a partir dos núcleos das minas do Rio Verde e Itajubá, processando-se um deslocamento demográfico no sentido de norte para sul, em direção à serra da Mantiqueira nos limites com a capitania de São Paulo.

Em fins do século XVIII a agricultura e principalmente a cultura de algodão constituíram assim um novo impulso para a conquista de novas áreas e conseqüente aumento demográfico. O algodão estimulou o desenvolvimento de Minas Novas e outros centros da região do Jequitinhonha fazendo florescer o extremo nordeste da capitania. Por outro lado, a pecuária que já desde o tempo da mineração vinha-se desenvolvendo, abastecendo de carne os centros mineradores, sofreu impulso constituindo no sul da capitania uma importante região agro-pecuária.

Ainda hoje a distribuição da população atual reflete em largos traços a evolução histórica do povoamento, observando-se as maiores concentrações nas áreas de colonização mais antiga. A interferência dos fatores naturais não deve ser desprezada nesta distribuição e em última análise foi o palco geológico que determinou as principais diretrizes. A exploração do ouro estava condicionada aos terrenos ricos em jazidas e foi por isso na região de rochas algonquianas que se desenvolveram os principais centros de mineração. Houve necessidade por isso de transpor inicialmente a barreira do arqueano, representada por um relevo fortemente acidentado e uma vegetação densa de mata. Quando houve a reversão no tipo de atividade econômica, substituindo-se a mineração pela agricultura, a área de terrenos arqueanos oferecia melhores possibilidades pela fertilidade natural de seus solos e o movimento demográfico passou a efetuar-se naquela direção.

É em razões históricas portanto, resultantes da riqueza natural de seu solo sob diferentes aspectos, que se fundamenta a importância deste estado central. A vantagem de ter recebido desde cedo contingentes humanos foi o fator primordial que levou à atual importância demográfica, ocupando o estado de Minas Gerais uma situação privilegiada dentro da União. Apesar de ser um dos mais extensos abrangendo uma área de quase seis mil quilômetros quadrados, apresentava em 1940 uma população de 6 736 416 habitantes, sendo que 33% cabiam à população urbana.

É também um dos estados mais bem servidos pelas vias de comunicação ferroviárias e rodoviárias, daí a explicação do elevado número de cidade. Não só a maior facilidade de comunicações favoreceu o desenvolvimento dos centros urbanos mas também o progresso industrial e a disponibilidade de energia elétrica. Assim, importantes centros industriais funcionam como produtores e distribuidores dos produtos e mercadorias podendo-se citar: Juiz de Fora, Belo Horizonte, São João d'El Rei, Barbacena, Nova Lima e outros.

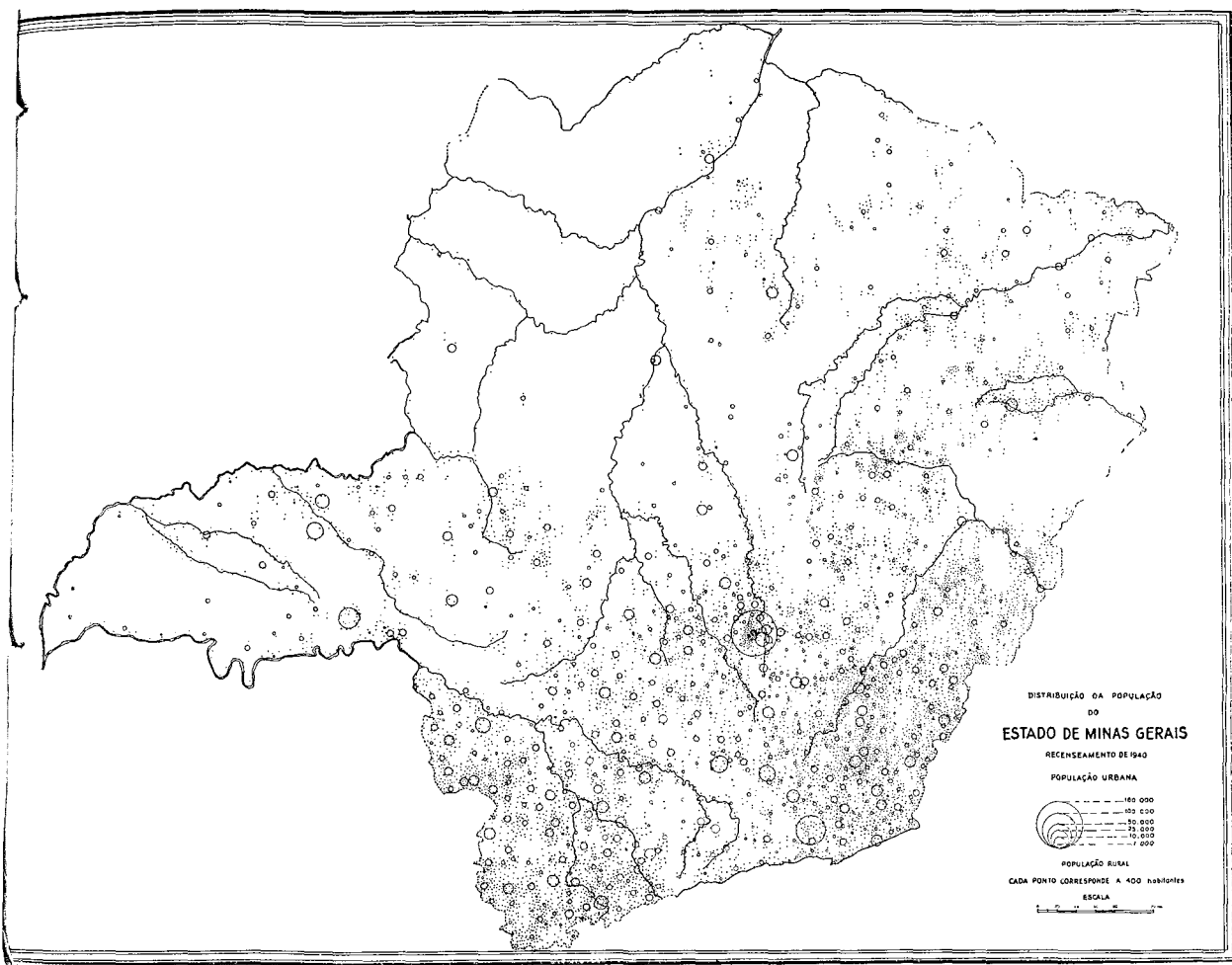
A distribuição da população sobre o território estadual faz-se de acordo com as razões atrás referidas, segundo áreas de maior concentração e vazios demográficos. O centro de gravidade demográfico é indiscutivelmente localizado na metade sul do estado, onde se concentra a atividade econômica fundamental. Um rápido exame do mapa permite distinguir, de acordo com as suas características demográficas, quatro zonas que, embora de delimitação um tanto arbitrária, facilitam o exame da distribuição que se pretende empreender adiante.

Estas quatro áreas são: 1º) o Sul de Minas e a Zona da Mata abrangendo a parte sul do estado e apresentando-se como a área mais densamente povoada; 2º) a zona do Nordeste, compreendida entre o vale do São Francisco e o rio Doce; 3º) O Triângulo Mineiro e a Mata da Corda e finalmente a zona do Urucuia, a oeste do rio São Francisco, onde a população se apresenta extremamente rara e dispersa.

Região Sul de Minas

Pelo simples exame do mapa observa-se que é na metade sul do estado de Minas Gerais que se concentra mais de 50% do total de sua população, tanto urbana como rural. Há um nítido contraste entre o sul e o norte, onde a distribuição é mais desigual deixando aparecer vazios demográficos. Apesar de

ser a mais densamente povoada, a metade sul do estado não deixa, no entanto, de apresentar uma certa desigualdade quanto à distribuição da população, observando-se áreas de maior concentração ao lado de áreas de população mais esparsa. Duas zonas mais povoadas podem ser destacadas imediatamente, correspondendo às regiões conhecidas por "Zona Sul de Minas" e "Zona da Mata".



Nas mesmas desenvolveu-se, em consequência de um conjunto de condições favoráveis, uma importante economia mista de agricultura e pecuária com fases de industrialização. Entre estas duas zonas se intercala uma área de população menos adensada, correspondendo aos altiplanos do rio Grande.

A falta de uniformidade na distribuição da população, tanto urbana como rural no sul de Minas, prende-se a determinadas causas históricas, econômicas e físicas, cuja ação conjunta determinou esta distribuição. Dada a sua indiscutível importância merece especial atenção a análise, embora sucinta, das condições físicas que imperam nesta região.

O maciço da Mantiqueira, que se estende desde São Paulo até o sul do Espírito Santo¹, forma um abrupto degrau, o segundo a ser galgado no per-

¹ ALBERTO RIBEIRO LAMEGO — *Análise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira — Brasil.*

XIX, com a expansão da lavoura cafeeira no vale do Paraíba, também esta zona é invadida dedicando-se inteiramente a esta monocultura. Durante muito tempo foi a cultura dominante e a principal causa da procura constante de terras virgens. As grandes reservas de matas e de terras devolutas foram ocupadas pelos plantadores que se espraíram pela região, tornando-se a mesma uma das mais ricas e abrigando uma população rural bastante numerosa. Apesar dos lucros auferidos, a febre do café foi passageira, devido não só ao esgotamento prematuro das terras trabalhadas por práticas agrícolas atrasadas e pela crise da superprodução, como pela concorrência exercida pelas zonas mais férteis de desbravamento recente. Diante dessas crises a lavoura cafeeira entrou em declínio e em consequência surgiu um movimento espontâneo de criação de gado leiteiro, amparado pela facilidade de comunicações e pela proximidade dos mercados do Distrito Federal e de São Paulo. Inicia-se então na zona uma rendosa indústria leiteira com gado selecionado das raças Holandesa e Schwitz. Atualmente é uma das maiores regiões produtoras de manteiga e queijos de diferentes qualidades, exportando principalmente para São Paulo e para o Rio de Janeiro.

Embora em grande parte se tenha verificado a substituição das culturas pelos campos de pastagem, o café continua sendo o principal produto comercial agrícola seguido do arroz, milho, feijão e cana de açúcar. As fazendas que eram então agrícolas passaram à exploração mista, dedicando-se ao mesmo tempo à agricultura e à criação de gado leiteiro. De modo geral, a criação é a principal atividade econômica do sul de Minas, com raras exceções de alguns municípios situados em altitudes elevadas (acima de 900 metros), como são os lindeiros com o estado de São Paulo, desde o município de São Sebastião do Paraíso até Bueno Brandão e que têm uma população rural bastante apreciável dentro da região. O clima favorável, os solos férteis, e as ferrovias Rede Mineira de Viação e Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, que desempenham uma importante função na distribuição dos produtos da região, permitiram na mesma o desenvolvimento de uma agricultura relativamente mais importante do que a criação. Em alguns desses municípios onde a altitude condiciona um clima temperado, tais como: Itajubá, Maria da Fé, São Lourenço, Caxambu, Parieiras, desenvolve-se a fruticultura, cultivando-se com êxito frutas européias, como peras, uvas, maçãs, marmelos, caquis e pêssegos. Ligada a esta atividade surge uma indústria bastante rendosa, a fabricação de vinhos. Daí se explica ser a população rural numerosa com uma densidade apreciável.

Nesta parte do estado se destaca pela paisagem física o maciço eruptivo nefelínico de Poços de Caldas, que atinge uma altitude de 1 000 metros. É esta zona de terrenos pobres recobertos por grandes extensões de campos naturais onde a criação de gado bovino é a principal economia e onde a população rural conseqüentemente se apresenta menos densa. Além dessa atividade há a exploração de jazidas minerais como bauxita e zircônio pela Companhia Geral de Minas. Ao par disso, formaram-se importantes estâncias hidrominerais entre as quais se destacam: Poços de Caldas, Pocinhos do Rio Verde e Parreiras. Além dessas estâncias hidrominerais outras se destacam no sul de Minas: São Lourenço e Caxambu, afamadas pelas suas águas de qualidades terapêuticas.

Tôdas estas atividades e principalmente a instalação de laticínios, que requer muita mão de obra, fizeram com que se concentrasse na zona Sul de Minas

uma população rural relativamente densa. Por outro lado, o desenvolvimento desta zona como centro produtor por excelência fez com que confluíssem para a mesma diversas ligações ferroviárias e rodoviárias. Em matéria de estradas de ferro esta região é servida pela Rêde Mineira de Viação e Companhia Mojiana de Estradas de Ferro que escoam a sua produção para os centros de consumo. Esta facilidade de comunicação favoreceu igualmente o desenvolvimento de centros urbanos, destacando-se entre os de população mais numerosa: Itajubá (14 704 hab.), Poços de Caldas (13 751 hab.), Pouso Alegre (11 582 hab.), Passos (11 336 hab.), Lavras (11 085 hab.), Varginha (10 954 hab.), e Alfenas (7 422 hab.).

Por sua maior população destaca-se Itajubá, situada à margem direita do rio Sapucaí. Atualmente é um dos mais importantes parques industriais da região, com numerosas fábricas, destacando-se a de material bélico do exército e outras como: de tecidos, de chapéus, calçados, massas alimentícias, ladrilhos, doces e alguns curtumes. Além disso, exerce grande influência como centro cultural abrigando inclusive uma escola de nível superior.

Pouso Alegre, outra importante cidade, foi fundada no início do desenvolvimento econômico da região no século XIX durante o período da expansão cafeeira. Era antigo pouso dos viajantes que percorriam a região meridional de Minas. Situada à margem do caminho das Bandeiras tornou-se um próspero centro agrícola sendo, hoje, uma importante cidade industrial. A indústria destaca-se, sobretudo, no beneficiamento dos diversos produtos agrícolas havendo ainda numerosas fábricas de banha, móveis, ladrilhos, laticínios e calçados. No maciço nefelítico a cidade mais importante é Poços de Caldas, cujo desenvolvimento está ligado às fontes minerais tornando-a um dos principais centros de veraneio do país. A principal fonte de renda lhe advém dos numerosos hotéis, das termas e indústrias de sabonetes e cremes medicinais. Além destas indústrias ligadas às terras possui também fábricas de vinho.

Três Corações, antiga Três Corações do Rio Verde, foi fundada no início da ocupação, no século XVIII. É atualmente um dos mais importantes mercados de gado do sul de Minas Gerais. Contava em 1940 com 7 141 habitantes e foi outrora, no tempo do Brasil Colônia, sede de uma animadíssima feira de gado além de ser sede de comarca. A cidade representa o centro de uma das mais rendosas atividades pecuárias: a engorda de gado, vindo das regiões próximas do vale do rio Grande e dos altos vales do São Francisco e Paraopeba. Embalcado pela Rêde Mineira de Viação segue para os matadouros e frigoríficos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Além de Três Corações e Varginhas na bacia do rio Sapucaí, os municípios dos vales dos rios Grande e Verde dedicam-se igualmente à atividade de engorda de gado existindo nos mesmos extensas invernadas. Este fato explica a menor concentração demográfica verificada nesta região, pois, a engorda de gado de corte em latifúndios requer mão de obra pouco numerosa.

O desenvolvimento da atividade pastoril nos altiplanos do rio Grande está relacionada com as características fisiográficas que existem na região. Revestido parcialmente por um capeamento de rochas do período algonquiano, cuja decomposição resultou em solos menos férteis que os oriundos de rochas arqueanas, não houve ensejo para o desenvolvimento de uma agricultura rendosa na região.

e a criação de gado, realizada em pastagens tanto naturais como plantadas, tornou-se a atividade principal. É esta a explicação para a área de população menos densa que pode ser observada no mapa que abrange a região do alto rio Grande. Esta área, conforme já ficou dito atrás, intercala-se entre a zona Sul de Minas e a Zona da Mata, ambas concentrando uma numerosa população urbana e rural.

A “Zona da Mata”, conforme o próprio nome já exprime, caracteriza-se pelo revestimento florestal de que era provida antes de sua ocupação mais intensa. Situada a sudeste do estado, constitui a mais importante zona agrícola do mesmo, sendo também, uma das mais povoadas. Esta mata exuberante, vegetando sobre solos férteis derivados da decomposição de rochas granito-gnáissicas, o clima quente e úmido e o relevo relativamente pouco enérgico (a Mantiqueira perde aqui o seu caráter de escarpa) favoreceram a ocupação intensiva desta área. Estende-se a mesma desde a divisa com o estado do Rio de Janeiro até o contacto da zona cristalina, de relevo ondulado, com a zona algonquiana de aspecto físico vigoroso.

No século XVIII a região do sudeste permanecia então praticamente desabitada constituindo as chamadas “áreas proibidas” denominação que advinha do fato da proibição por parte do governo de nelas se estabelecer. Esta medida visava a impedir a saída ilegal de ouro burlando a arrecadação do “quinto”. Com a decadência das minas, entretanto, esta região passou a ser explotada desenvolvendo-se na mesma as atividades agrícolas. No decorrer do século XIX deu-se na mesma a expansão da cultura cafeeira registrando-se então um afluxo de população para esta parte do estado. Este surto foi intenso e além da cultura do café houve oportunidade para a exploração de madeiras de lei que abundavam nas matas existentes. Foi a agricultura, porém, que venceu a mata constituindo o motivo principal que levou a população a se deslocar para esta zona à procura de solos virgens. Em pouco tempo grandes áreas estavam ocupadas e começavam a se constituir os primeiros núcleos urbanos. A paisagem natural sofreu uma mudança radical substituindo-se as densas matas pela paisagem humanizada das plantações de café. As fazendas floresceram enriquecendo-se à custa do trabalho escravo, tornando-se a Zona da Mata um dos maiores mercados exportadores de café do país.

A crise geral da lavoura em 1928, o esgotamento das terras trabalhadas por métodos agrícolas inadequados e a superprodução resultante da monocultura desorientada, vieram acelerar a passagem para uma nova atividade econômica: a criação de gado. Grande parte dos cafèzais foram derrubados e queimados e em seu lugar foram instalados campos de pastagem, sobretudo nos vales do Paraíba e do Pomba, seu afluente. As propriedades que eram então de área reduzida em consequência da desvalorização pela exaustão dos solos e pela crise geral, foram reagrupadas e compradas a baixo preço transformando-se em fazendas de gado ou em fazendas mistas de lavoura e pecuária. Daí ser a população rural menos densa no extremo sul da Zona da Mata.

Embora a lavoura cafeeira não seja atualmente tão desenvolvida, constituindo uma monocultura exclusiva como outrora, o café não deixa de ser o principal produto comerciável da zona. Outra lavoura importante e tradicional é a da cana de açúcar, cultivada por pequenos agricultores que fornecem matéria prima para os engenhos e usinas existentes. A par disso desenvolve-se uma agri-

cultura variada não só de gêneros de subsistência para o abastecimento local, como de outros produtos exportados para os mercados vizinhos. Embora a criação de gado tenha sido introduzida, aproveitando as áreas exauridas, a pecuária não tem a mesma importância econômica que as atividades agrícolas que constituem a principal ocupação da população rural. Trata-se de uma zona agrícola

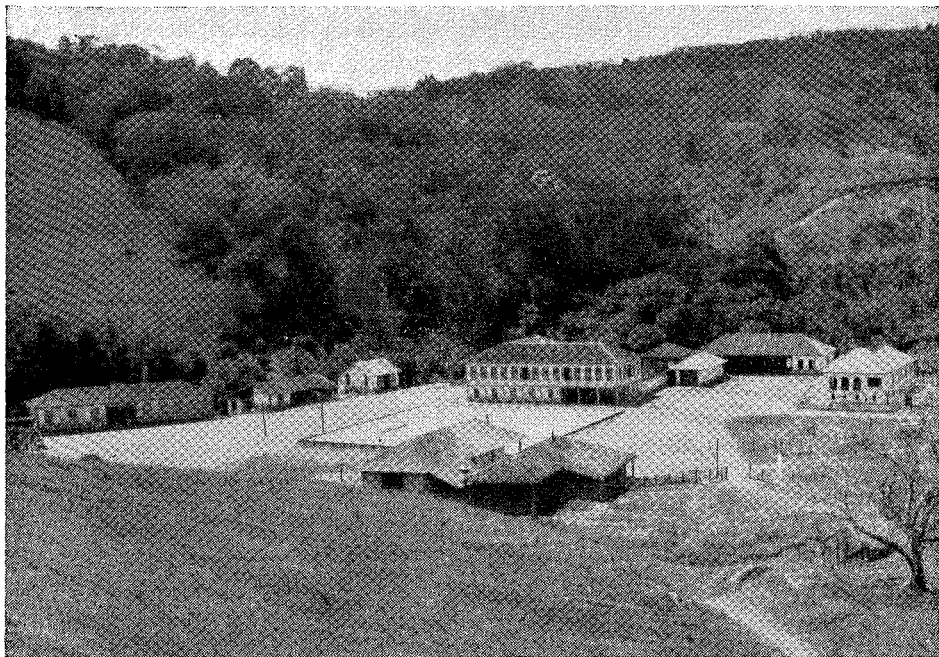


Fig. 1 — Antiga fazenda de café no município de Ponte Nova. Ao centro a casa grande, tendo à frente o tradicional terreno de café; à esquerda, a antiga senzala, hoje transformada em paiol. Nota-se, pela fotografia, que atualmente é uma fazenda mista, tendo passado pela evolução agro-pecuária comum à região.

das mais importantes do estado verificando-se na mesma certo aprimoramento dos métodos de cultivo havendo áreas mais adiantadas onde já se generaliza o emprêgo do arado e de outras máquinas agrícolas. Além do mais, o fato de ser percorrida na sua quase totalidade pela Estrada de Ferro Leopoldina facultou a esta região vantagens quanto às facilidades de comunicação e escoamento de produtos. Coincidindo este fato com as qualidades dos terrenos, propícios a toda sorte de atividades rurais, logrou esta zona um desenvolvimento excepcional o que lhe valeu a denominação de “celeiro do estado”. Por outro lado, ficando a meia distância entre dois centros consumidores importantes, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, houve o ensejo para o desenvolvimento de atividades agro-pastoris destinadas à produção de gêneros de primeira necessidade, incluindo laticínios, produtos avícolas, hortaliças, etc. É compreensível diante de tudo isso a existência de uma população rural relativamente densa.

De modo geral, a situação atualmente é a seguinte: nas áreas de ocupação mais antiga pelo café que estão há mais tempo sofrendo os maus tratos de uma exploração irracional, predomina a criação de gado leiteiro, enquanto nas áreas de desbravamento mais recente a lavoura tem maior importância fazendo uso dos solos ainda férteis. Além de contar com uma agricultura bastante desenvolvida conta esta zona por isso ainda com uma produção de laticínios considerável, sendo o seu rebanho de gado leiteiro o maior do estado depois do da zona

sul. A produção de leite, manteiga e queijos encontra fácil colocação nos mercados vizinhos abastecendo inclusive a capital da República

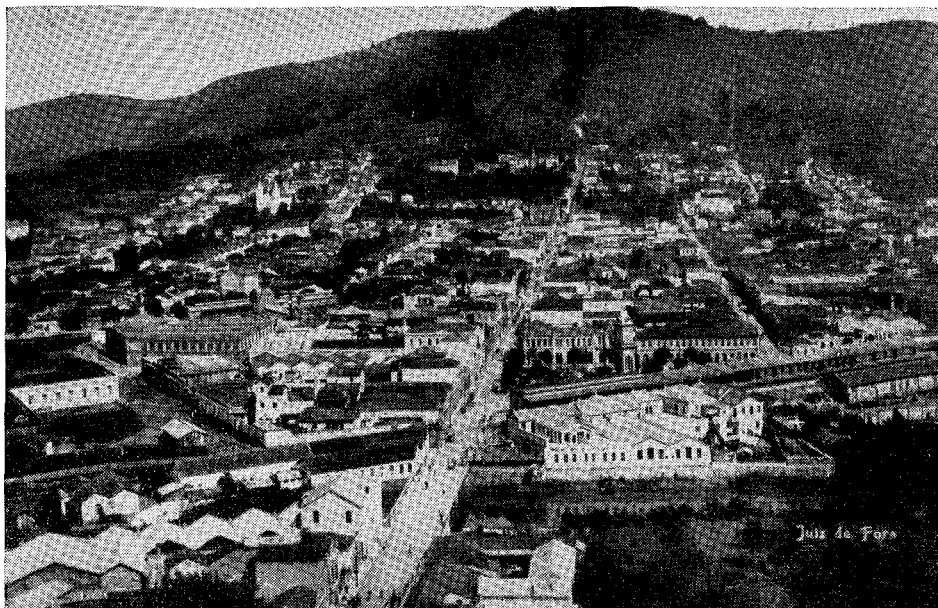


Fig. 2 — Vista parcial de Juiz de Fora, a segunda cidade do estado. É considerada um dos maiores centros industriais e comerciais de Minas, graças a sua posição quanto às comunicações e proximidade do Rio de Janeiro

Não menos importante na região é a população urbana, aparecendo uma série de pequenos núcleos, alinhando-se os mais populosos ao longo das estradas de ferro. É Juiz de Fora, com os seus 70 849 habitantes, a principal cidade desta parte do estado. Tendo sofrido um considerável desenvolvimento industrial, concentra esta cidade, já cognominada de a “Manchester Brasileira”, uma numerosa população urbana, composta em grande parte de operários da indústria fabril. Situada à margem do Caminho Novo, que demandava a Côrte, era no século XVIII pouso das diligências que se dirigiam para o Rio de Janeiro. Posteriormente, já no século XIX, transformou-se num dos mais importantes centros industriais do país, contando em 1940 com mais de 300 fábricas principalmente de fiação e tecelagem. Testemunha o seu grande desenvolvimento econômico a existência de sete agências bancárias localizadas na cidade, fazendo-se através das mesmas a movimentação dos grandes capitais necessários à sua indústria e comércio. Além disso desempenha a função de importante centro cultural.

Um fator que muito contribuiu para o desenvolvimento de Juiz de Fora é a sua posição quanto às comunicações, tanto rodoviárias como ferroviárias, destacando-se neste sentido a função da estrada de rodagem União e Indústria, que muito favoreceu o progresso e expansão desta cidade. Graças a estas facilidades é Juiz de Fora um dos mais importantes mercados distribuidores de produtos manufaturados, não só para o interior mineiro, como também para os estados vizinhos.

Ao longo das estradas de ferro distribui-se uma série de núcleos menores, da ordem de 10 000 habitantes, podendo-se citar: Ubá (10 911 hab.), Cataguases

(8 972 hab), Leopoldina (7 261 hab), Além Paraíba (9 598 hab), Muriaé (9 171 hab.), Carangola (8 758 hab), Ponte Nova (11 707 hab) e outros. A população urbana, conforme ressalta claramente no mapa, apresenta maiores concentrações ao longo das duas estradas de ferro que ligam a Capital Federal à estadual.

Foi a Zona da Mata mas ainda dentro da grande região Sul destacam-se dois importantes centros urbanos: São João d'El Rei e Barbacena. São João d'El Rei, com 22 551 habitantes, nasceu em consequência da exploração do ouro; daí o seu apogeu econômico coincidir com o momento culminante da mineração. Atualmente é um dos mais importantes núcleos industriais e comerciais do estado de Minas Gerais. Comunica-se com os principais centros através da Rede Mineira de Viação e diversas estradas de rodagem. Além disso tem uma vida comercial bastante intensa e uma indústria adiantada de fiação e tecelagem, numerosas fábricas de laticínios e máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas. É em número de população a terceira cidade do estado.

Outro importante centro urbano é Barbacena com 19 238 habitantes conhecida pela sericicultura e floricultura que aí tiveram desenvolvimento. A cidade foi fundada em princípios do século XVIII e deve o seu desenvolvimento à descoberta do ouro. O fator primordial de seu progresso nos primeiros séculos da colonização foi a sua situação privilegiada como centro comercial, dada a sua posição no entroncamento do Caminho Novo com o Velho, que punham em comunicação Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso com a praça do Rio de Janeiro. Nos dias atuais a sua posição em relação às comunicações é igualmente favorável sendo servida pela Estrada de Ferro Central do Brasil e pela Rede Mineira de Viação e por diversas estradas de rodagem que a ligam com os municípios vizinhos. Além de sua intensa vida comercial anima-a uma atividade industrial bastante apreciável, principalmente no ramo da fiação e tecelagem, produtos laticínios e beneficiamento de produtos derivados da atividade agropastoril. Existe na cidade um frigorífico, o Frigorífico Barbacena, que consome o gado criado nas imediações.

A região compreendida entre o alto vale do rio Doce e o estado do Espírito Santo e que fica excêntrica em relação ao eixo de comunicações Belo-Horizonte-Rio de Janeiro, mostra-se muito pobre em núcleos urbanos importantes. Aliás, a própria distribuição da população rural deixa entrever claros, diferindo em última análise a atividade econômica desta região que está mais relacionada à criação de gado e à exploração de madeiras e recursos minerais. Fugindo, entretanto, à tendência de estabelecer uma série de pequenas subdivisões, que a rigor poderiam ser reconhecidas, é preferível encasar toda esta região como um conjunto, levando em conta estritamente o problema da distribuição da população em largos traços.

Partindo deste princípio as áreas compreendidas pelas zonas metalúrgica e do alto rio Doce, das Velhas e Paraopeba, constituem sob o ponto de vista da distribuição da população uma continuação da área de densa população das zonas Sul e da Mata, embora difiram em muitos aspectos físicos e econômicos. Constitui-se esta área, sob o ponto de vista geológico, das formações algonquianas das séries de Minas e Itacolomi, que, consistindo de rochas variadas mas em geral resistentes, deram origem a um relevo muito acidentado, com vales

profundos e encaixados e cristas agrestes. A própria natureza destas rochas, sujeitas à influência de um clima em que já se faz sentir uma estação seca bastante acentuada, deram como resultado solos relativamente pouco férteis e por isso pouco adequados ao aproveitamento agrícola. A cobertura vegetal, por sua vez, não é mais predominantemente florestal e extensas áreas apresentam-se como campos cerrados e campos de outros tipos. Por todos estes motivos esta zona não é agrícola, caracterizando-se antes por outras atividades tal como a mineração, a indústria metalúrgica e a pecuária extensiva. O seu desenvolvimento histórico girou sempre em torno da mineração sob diferentes aspectos e ainda hoje é a mineração modernizada e a metalurgia uma de suas principais características.

A mineração do ouro era realizada primitivamente nas aluviões auríferas dos rios (mineração de cascalho) mas à medida que o mesmo foi-se tornando escasso passou-se também a pesquisar nos terraços (cascalho de tabuleiro). Essa exploração não logrou, no entanto, subsistir por muito tempo e é hoje apenas um empreendimento de real importância, a Mina de Morro Velho, se dedica em larga escala à extração do ouro. O período em que a mineração foi mais intensa foi entre 1750 e 1780, dando-se em seguida o declínio desta atividade. Em compensação, a riqueza das jazidas de minério de ferro fez florescer uma importante indústria siderúrgica que congrega uma mão de obra considerável. Além do ferro e do ouro outros minérios são explorados, como o manganês que ocorre em importantes jazidas. Das numerosas usinas metalúrgicas existentes sobressaem: a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira em Sabará, a Usina de Monlevade, no município de Rio Piracicaba; a usina Queirós Júnior em Itabirito, a Usina Gorceix da Companhia Ferro Brasileira em Caeté e a usina da Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas em Barão de Cocais (ex-Morro Grande).

A indústria metalúrgica do ferro no Brasil teve o seu aparecimento em meados do século XIX. A instalação das primitivas forjas catalãs deu-se de preferência nos limites da mata com o campo, ligada à necessidade do emprêgo do carvão vegetal. Gaspar Soares e Congonhas do Campo foram uns dos primeiros centros de fundição. Em 1860 havia ao todo 120 pequenos fornos espalhados pelos municípios de Ouro Preto, Rio Piracicaba e Itabira, na zona de contacto entre as jazidas minerais e as florestas de onde provinha o combustível necessário a esta indústria. A maior parte destas forjas extinguiu-se entre 1880 e 1900 em consequência principalmente da abolição da escravatura que desorganizou os trabalhos. Somente quando esta zona passou a ser beneficiada pela estrada de ferro é que a fundição de minério voltou a ter importância, desta feita em caráter mais industrial, instalando-se verdadeiros altos fornos. Daí evoluiu até a situação atual das usinas e grandes fundições. Cada usina destas, dado o número de operários que ocupa, representa um pequeno núcleo urbano, vivendo a cidade em função da usina. É na mineração portanto, e na indústria metalúrgica que reside a maior importância desta zona. Estas atividades apresentam, porém, a tendência de formar núcleos, congregando a população em torno das jazidas e usinas. O restante da população, que se distribui irregularmente por toda a área, dedica-se a outras atividades. A agricultura é pouco importante restringindo-se a pequenas áreas onde existam solos melhores. A pecuária extensiva é, no entanto, relativamente bem desenvolvida e a zona metalúrgica é afamada pela criação de muas que têm uma grande procura

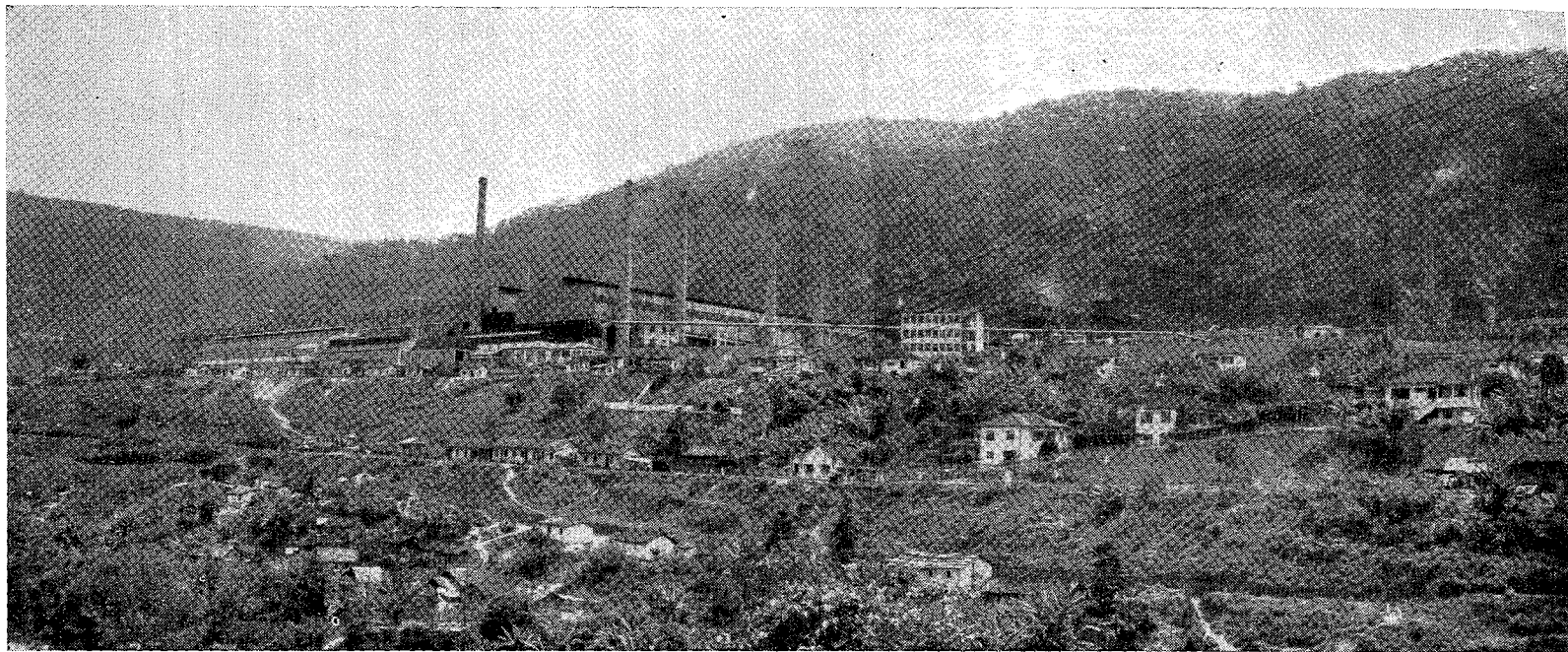


Fig. 3 — Vista parcial da moderna usina de Monlevade, no município de Sabará. Pode-se observar no segundo plano da foto reservas de mata, que foram preservadas como último recurso. À esquerda da fotografia observa-se o casario dos operários.

como animais de transporte nos trabalhos de mineração. Apesar de tudo, porém, em comparação com as zonas agrícolas do Sul e da Mata, a população apresenta-se relativamente mais dispersa.

É nesta zona, entretanto, que se localiza o maior centro urbano do estado: Belo Horizonte, a capital estadual. Belo Horizonte foi outrora o arraial de Curral d'El Rei, pertencente à comarca do Rio das Velhas. Começando como simples curral de gado constituiu a seguir um pequeno povoado cuja escolha determinou a transferência da capital do estado, que era em Ouro Preto, para o atual local em 1891. Aproximadamente um ano antes tinha sido adotada, após sérias controvérsias, a nova denominação de Belo Horizonte. Esta transferência premeditada e as facilidades topográficas que oferece a região, permitiam um traçado e planejamento racional da cidade, fato este que muito favorece o seu atual desenvolvimento. Além de, pelo fato de ser a capital do estado, concentrar as principais atividades culturais e comerciais de todo o estado, Belo Horizonte beneficia-se de um clima reputadamente saudável o que tem levado muitas pessoas a radicar-se ali por motivos de saúde. Contando ainda com uma indústria em franco desenvolvi-

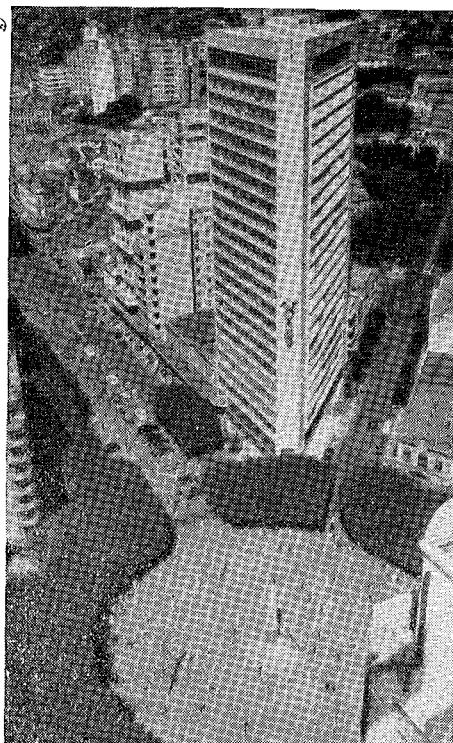


Fig 4 — Belo Horizonte cidade bem planejada com traçado regular, graças à superfície levemente ondulada. Notar as largas avenidas que vêm ter à praça o que torna fácil a circulação na cidade

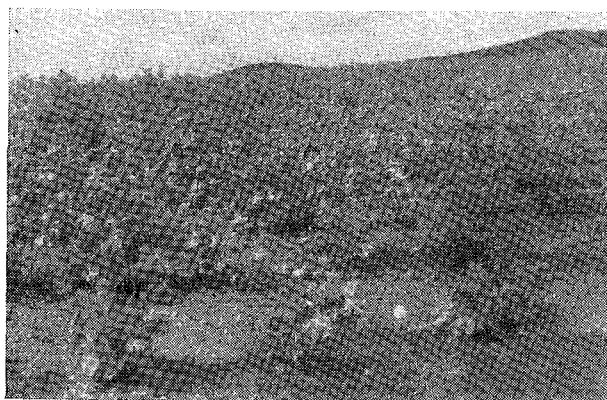


Fig 5 — Lavoura de algodão herbáceo (tipo Texas) na estrada de Montes Claros-Francisco Sá

mento que atrai a mão de obra das regiões circunvizinhas, compreende-se a existência de uma população urbana numerosa. Em 1940 contava a cidade com 177 004 habitantes.

Em torno da capital dispõe-se uma série de núcleos urbanos menores, relacionados principalmente com a atividade mineira e indústria metalúrgica. Entre

estes podem-se citar: Nova Lima, (16 321 hab.), Sabará (7 588 hab.), Caeté (4 686 hab.), Ouro Preto (8 819 hab.) e outros, constituindo um rosário de cidades industriais em torno da capital.

Não só a população urbana é aí importante, como também a rural, destacando-se a zona situada a oeste e noroeste de Belo Horizonte, que contribui para o abastecimento da capital em gêneros alimentícios, sobretudo, legumes, verduras e frutas.

Região Nordeste

Seiá considerada sob esta denominação a região compreendida a leste do rio São Francisco e ao norte do rio Doce, incluindo a bacia do rio Jequitinhonha. Em comparação com a zona Sul do estado pode-se considerar esta zona como de média densidade demográfica apresentando-se a população irregularmente distribuída. Completamente deslocada dos principais eixos de comunicação teve esta zona um desenvolvimento bastante diferente do sul de Minas, caracterizando-se pela influência exercida pelas grandes bacias hidrográficas que encerra. Esta influência é tão importante que a própria distribuição da população atual poderá ser analisada encarando-se cada uma de per si.

Começando pela bacia do rio São Francisco pode-se verificar que a mesma representa um vazio demográfico, principalmente no seu curso médio. Enquanto as cabeceiras do rio São Francisco e das Velhas ainda apresentam uma população relativamente importante, que está relacionada em parte com o desenvolvimento da zona metalúrgica da parte central do estado, o curso médio, de Pirapora para jusante, apresenta uma população bastante rarefeita. As condições físicas e o gênero de vida que predomina nesta região esclarecem tal escassez de população.

Dada a sua navegabilidade e em virtude principalmente de sua orientação sul-norte desempenhou o rio São Francisco desde cedo uma função de traço de união entre o Nordeste e as Minas Gerais. Esta ligação representava acima de tudo uma união entre duas regiões de atividades econômicas diferentes. Enquanto as Minas Gerais eram o resultado de um povoamento nuclear realizado aos saltos, o povoamento do vale do São Francisco em território baiano era o resultado de uma expansão contínua das fazendas de gado. Estas, encontrando nos centros mineradores um mercado para a venda de carne, subiam cada vez mais o vale do rio abastecendo a população mineiradora. Estas fazendas que ocupam áreas muito extensas congregam, ao contrário, uma população muito rarefeita, pois requerem u'a mão de obra reduzida. Um outro fator muito importante como empecilho ao povoamento é a insalubridade que reinava nos vales. Até hoje o vale do baixo rio Verde Grande, afluente do São Francisco, apesar de ser coberto de extensas matas (a mata da Jaíba), apresenta-se praticamente desabitada em virtude da malária endêmica que aí grassa.

Nas cabeceiras do rio Verde Grande e na região compreendida entre o mesmo e o rio São Francisco observa-se, no entanto, uma relativa concentração da população. Esta região, que tem como centro Montes Claros, ponto terminal da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1940, é uma área em que a agricultura logrou relativo desenvolvimento. A agricultura tem progredido aí nas áreas de solos férteis derivados da decomposição do calcário da série Bambuí, nos terrenos irrigados de brejo ou de regadio e nas vargens dos rios e ribeirões. A agricultura variada da região explica em parte a maior concentração da po-

pulação rural. No entanto, esta agricultura é realizada segundo princípios bastante rudimentares, sem o auxílio de máquinas e sujeita a toda espécie de riscos, tanto pela falta de mercados próximos como pela insegurança das condições de transporte. É uma atividade de pequenos proprietários que trabalham simplesmente pelo esforço próprio sem uma orientação técnica. Grande parte da produção abastece a própria zona contribuindo ainda para o abastecimento das zonas vizinhas. Trata-se de uma lavoura de subsistência bastante variada de feijão, mandioca, arroz e cana de açúcar, destacando-se ainda a cultura do algodão.

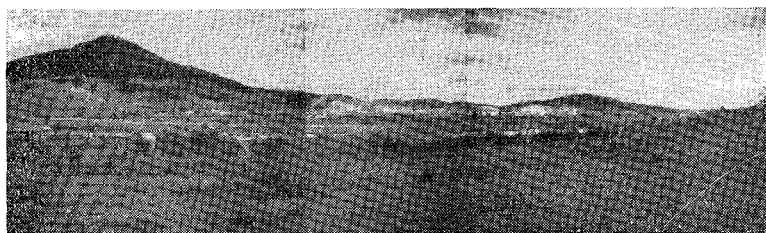


Fig 6 — Vista parcial da cidade de Governador Valadares — o maior centro do trecho mineiro do vale do rio Doce

Esta cultura tem grande importância na região pois constitui o único produto agrícola comerciável e exportável da mesma. Essa lavoura acha-se bastante disseminada adaptando-se bem aos solos calcários.

A zona de Montes Claros, no entanto, caracteriza-se essencialmente por ser uma importante zona de engorda de gado com belas e extensas invernadas.

O desenvolvimento da pecuária fez-se sentir principalmente após o estabelecimento da ligação ferroviária quando a Estrada de Ferro Central do Brasil atingiu Montes Claros em 1926. A possibilidade de transportar gado vivo de uma maneira mais eficiente do que pelas tradicionais boiadas fez com que a criação que já era uma das principais atividades regionais tomasse maior impulso. O gado magro vem das regiões vizinhas da Bahia, e principalmente do nordeste do estado, estagiando durante algum tempo nas invernadas para em seguida ser embarcado com destino aos frigoríficos e matadouros de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro.

A atividade pastoril não favorece a formação de numerosos centros urbanos. Assim sendo, poucas são as cidades que se destacam na região citando-se dentre elas Montes Claros, Pirapora, Curvelo e Corinto.

Montes Claros contava em 1940 com 13 768 habitantes sendo, sem dúvida, o maior centro urbano do alto médio São Francisco. É o principal centro regional e de extraordinária importância nas comunicações norte-sul realizadas através do vale. Graças a sua posição privilegiada de ponta de trilhos é o maior centro demográfico e econômico em meio a uma região de povoamento esparsa.

Atualmente Montes Claros é o mais importante mercado de gado gordo da metade norte do estado. Além da estrada de ferro é também servida por estradas de rodagem estaduais. Em virtude desta relativa facilidade de comunicações é o mais importante centro distribuidor de produtos para a região do interior, gozando de um comércio ativo e intenso. Quanto à indústria destaca-se

sobretudo o beneficiamento dos produtos agrícolas e pastoris encontrando-se numerosas máquinas beneficiadoras de algodão e arroz.

Outro centro urbano importante é Pirapora situada na margem direita do rio São Francisco. Em 1940 contava com 7 365 habitantes sendo o principal centro urbano da parte menos povoada do São Francisco. A pouca fertilidade do solo e a atividade econômica da criação extensiva de gado explica de certo modo a pequena densidade da população rural. Toda a importância deste trecho do São Francisco depende de Pirapora, devido às suas relações comerciais com as praças próximas. É um dos mais importantes portos do São Francisco graças a sua situação como ponto inicial da navegação fluvial e ponta de trilhos da Central do Brasil que escoam os produtos para Belo Horizonte, Curvelo, etc. A industrialização em Pirapora reduz-se ao beneficiamento dos produtos agro-pastoris e a pequenas indústrias de aproveitamento do babaçu, tecidos grosseiros de algodão, óleo de caroço de algodão, sabão, bebidas, cerâmicas, etc.

Subindo o vale do São Francisco os núcleos urbanos que oferecem alguma importância são: Curvelo e Corinto ambos estações da estrada de ferro. Curvelo com 8 909 habitantes, antiga freguesia de Santo Antônio do Curvelo, formou-se nas encostas do vale do ribeirão Santo Antônio expandindo-se após a chegada da estrada de ferro para o alto do espigão. Tornou-se Curvelo, então, o grande entreposto da região circunvizinha. Atualmente com o prosseguimento da construção da estrada de ferro, perdeu um pouco a sua importância restringindo-se a sua esfera de influência em benefício de Montes Claros que era o ponto terminal, em 1940.

Corinto com 5 047 habitantes igualmente deve o seu desenvolvimento à estrada de ferro, concentrando da mesma forma que Curvelo a produção da região circunvizinha.

Ainda na bacia do São Francisco para o norte estende-se até a divisa com o estado da Bahia vasta área, relativamente pouco povoada, onde as cidades não passam de pequenas aglomerações urbanas com pouca influência na vida regional. Compreendida na esfera de influência de Montes Claros, esta região dedica-se principalmente à cultura de produtos adaptados ao seu clima seco como o algodão e a mamona, encontrando-se também outras culturas como o milho, o feijão e o arroz que se destinam ao consumo local. A distribuição da população está estreitamente ligada às características físicas da paisagem, que se caracteriza pela existência de encostas de serra e por superfícies tabulares no topo das mesmas. Observa-se um alinhamento de pequenos centros urbanos que se constituíram ao longo da estrada que percorre o caminho natural entre a serra Grande e a serra Geral, que constitui o divisor de águas com a bacia do rio Jequitinhonha. Nas vertentes destas serras as fazendas se sucedem e produzem quase todos os gêneros que necessitam ao consumo, além de possuírem algumas cabeças de gado que fornecem leite. Nestas vertentes por isso a concentração da população é relativamente mais importante, enquanto no alto das serras, cobertas de uma vegetação enfezada de gerais e carrascos, encontra-se apenas uma população extremamente rarefeita. O gado criado nesta região desce para Montes Claros depois da estação das águas onde é embarcado após a engorda para os centros consumidores.

Subindo-se o alto vale do São Francisco verifica-se que a população se adensa unicamente nos vales que dissecam os espigões e na meia encosta dos mesmos onde se alinham também as principais cidades. Estes centros urbanos exercem importante papel na vida econômica da região.

A maior concentração nos vales, principalmente nas margens do rio das Velhas, Pará e Paraopeba, reflete claramente as condições do meio físico: terras mais férteis e úmidas, cobertas por densa mata. Afastado das mesmas, já nos espigões, a população é escassa e o homem vive quase exclusivamente da criação extensiva de gado. A base econômica do homem que vive nas zonas ribeirinhas é a agricultura, aproveitando-se os fundos dos vales e várzeas para as lavouras de milho, feijão, cana de açúcar e arroz cuja produção se destina ao consumo local e as meias encostas para o algodão. Daí se explica a maior concentração da população nestas áreas.

Outrora, antes da crise geral da lavoura, era esta zona agricolamente muito rica, chegando a abastecer Belo Horizonte e regiões vizinhas. Além da agricultura havia a exploração de madeiras nos vales do rio das Velhas e seus afluentes. Verifica-se, entretanto, atualmente certo reagrupamento das propriedades rurais em virtude da desvalorização das mesmas em consequência do esgotamento prematuro dos solos. A criação vem tomando importância. De modo geral, todas as fazendas são mistas tendo como principal cultura o algodão herbáceo Texas, cuja produção é consumida nas fábricas de tecido da região.

Passando-se para a bacia do rio Jequitinhonha depara-se-nos um tipo de atividade completamente diferente. Enquanto a bacia do São Francisco se povoou à custa da pecuária e parcialmente por intermédio de uma agricultura incipiente, a bacia do Jequitinhonha foi devassada em consequência da mineração do ouro e de diamantes. Diamantina, ex-arruaal do Tejuco, e Minas Novas (Vila do Fanado), os dois principais centros demográficos, foram núcleos resultantes da expansão da atividade mineradora a partir da Vila do Príncipe (São Frio). Daí para o norte se estendia o "sertão" que somente começou a ser devassado nos primeiros decênios do século XIX quando se iniciou a navegação regular no rio Jequitinhonha. Um grande atraso no povoamento desta bacia resultou da proibição de explorar diamantes no vale do Jequitinhonha, instalando-se neste sentido diversos postos militares destinados a impedir o contrabando para a Bahia. Não constituindo, portanto, uma via de comunicação muito tráfegada o vale do Jequitinhonha, de Minas Novas para jusante, abrigava e ainda abriga hoje uma população muito rarefeita. Nas altas cabeceiras entretanto, em virtude das atividades da mineração, a densidade demográfica é mais apreciável embora, em comparação com outras áreas, tenha que ser reconhecida como de densidade média.

Sob o ponto de vista geológico trata-se ainda de rochas algonquianas (das séries de Lavras e Itacolomi) com algumas intrusões do arqueano, principalmente em direção à divisa com o estado da Bahia. Topograficamente prevalecem os grandes planaltos, dispostos em dois níveis, um de 1 000 a 1 300 metros de altitude e o segundo variando de 800 a 900 metros. Estes planaltos são parcialmente interrompidos pela serra do Espinhaço ao mesmo tempo que a erosão rejuvenesceida nos altos formadores do Jequitinhonha vem modelando-os vigorosamente. De modo geral, prevalecem porém as extensões planas, cobertas de

vegetação raquítica do tipo campestre. Esta paisagem por si mesma não é propícia à instalação de uma população numerosa, pois, quando muito se presta a uma criação extensiva sem grande importância. Fazem exceção apenas algumas reduzidas áreas agrícolas cujo desenvolvimento se vê inibido, entretanto, pela dificuldade de transportes.

É em torno dos centros mineradores que se concentra a população, na sua maior parte sob forma de população urbana embora de caráter instável. Neste sentido destaca-se em primeira linha Diamantina, cuja importância além da lavra de diamantes reside ainda na sua função de ponta de trilhos. Como os demais centros mineiros, Diamantina deve a sua fundação ao espírito empreendedor dos bandeirantes. Estes, partindo da Vila do Príncipe (São Frio), penetraram na bacia do Jequitinhonha, e subindo o rio Junta-Junta, estabeleceram-se nos seus formadores exercendo a mineração. Foi assim que surgiu às margens do córrego Grande o arraial do Tejuco, primitivo núcleo da futura cidade de Diamantina. Exploradas as lavras de ouro verificou-se bem cedo (1729) a existência de diamantes, passando a procura dos mesmos a constituir a principal atividade da região, fato este que ainda se verifica até os dias atuais. Em Diamantina se concentra o comércio de diamantes e pedras semipreciosas de toda a vasta região mineradora do alto Jequitinhonha, desenvolvendo-se a partir disso um ativo comércio geral resultante da compra das pedras brutas. Assim, correlacionadas com a atividade mineradora que se exerce na região, desenvolveram-se na cidade diversas pequenas indústrias, como sejam: curtumes, selarias, oficinas, etc. que produzem as ferramentas e utensílios mais empregados na mineração. Diamantina beneficia-se de um ativo comércio geral, pois, em virtude de sua posição de ponta de trilhos da Central do Brasil, para ela afluindo todos os produtos do sertão.

Em 1940 Diamantina contava com 9 663 habitantes, seguindo-se em importância Minas Novas com 1 341 habitantes. A respeito desta cidade teremos ocasião de entrar em pormenores ao tratar da bacia do rio Mucuri, à qual não pertence quanto a sua localização, mas à qual está ligada no que diz respeito ao seu desenvolvimento mais recente, conforme se verá linhas abaixo.

A região compreendida a leste da serra Geral até o rio Jequitinhonha dedica-se essencialmente à criação de gado. Os pequenos núcleos urbanos que aí aparecem, como Salinas, Medina e Fortaleza (Pedra Azul), eram cidades estagnadas, sem possibilidades de comunicação antes da construção da estrada Rio-Bahia. Esta região da bacia do Jequitinhonha caracteriza-se por um relevo de "pães de açúcar", e pela existência de extensos pastos de capim colônio nos quais se faz a criação de gado. É uma região sujeita a precipitações bastante reduzidas com um período de seca muito prolongado, fato este que se reflete na própria cobertura vegetal que é de uma mata pouco desenvolvida, enquanto no vale propriamente do médio Jequitinhonha já se encontra uma vegetação xerófila. O gado criado nesta região segue, principalmente para Montes Claros ou para a Bahia, atraído pelo mercado de Vitória da Conquista. Todos estes fatos, aliados à falta de salubridade reinante na região (é muito grande a incidência de esquistossomose na bacia do Jequitinhonha) contribuem para tornar a população pouco numerosa como aparece no mapa.

Entre as duas grandes bacias do rio Jequitinhonha e do rio Doce se encontra a bacia relativamente menos importante do rio Mucuri. Demográfica-

mente esta bacia pouca importância apresenta e passaria despercebida no comentário do presente mapa não fôsse o relevante papel que desempenhou como via de penetração e de comunicações. Toda a história do desenvolvimento da região compreendida pelo alto Mucuri, até Minas Novas, está ligada a um nome perpetuado na cidade mais importante desta região: Teófilo Otôni. Originou-se a cidade de Minas Novas no último avanço do período da mineração (1724-1727) quando as minas de exploração mais antigas começavam a manifestar sinais de esgotamento. A descoberta de novas jazidas atirou a população mineradora e suíram assim as "minas novas", núcleo inicial do futuro centro urbano. Nos primeiros decênios do século XIX a mineração já tinha praticamente perdido a sua importância e em seu lugar desenvolvia-se como principal atividade a cultura do algodão. O núcleo urbano ainda era relativamente pouco desenvolvido e chamava-se então Vila do Fanado ou Bom Sucesso. O algodão produzido na região escoava-se principalmente para o Rio de Janeiro e, em menor quantidade, para a Bahia, através da estrada de Conquista. Este algodão atingia uma alta cotação nos mercados chegando aos portos de embarque por intermédio de tropas de bestas de carga. A enorme distância a ser percorrida e as inúmeras dificuldades inerentes a este tipo de transporte oneravam, entretanto, sobremaneira o produto, constituindo uma séria dificuldade para o desenvolvimento da região. O caminho direto para o litoral leste era interceptado pelas tribos de botocudos que infestavam a região das cabeceiras do Mucuri e do São Mateus, de maneira que as únicas comunicações eram com o Rio de Janeiro e a Bahia. Esta situação perdurava até meados do século XIX quando foi aberta por Teófilo Otôni a ligação direta até o litoral, fazendo uso do pequeno porto estabelecido na desembocadura do Mucuri. Cedo, entretanto, verificou-se que a navegabilidade só era viável até aproximadamente a divisa de Minas Gerais com a Bahia e mesmo assim com sérios transtornos. A partir do ponto terminal da navegação iniciou-se então a construção de uma estrada partindo simultaneamente deste ponto e de Minas Novas. Aproximadamente a meia distância entre este trajeto, decidiu-se fundar uma cidade em plena mata. Foi esta a origem de Teófilo Otôni, cuja fundação data de 1853. Diante da dificuldade que havia em povoar esta zona Teófilo Otôni lançou mão do recurso da colonização estrangeira, contando assim com o auxílio que fornecia o governo aos empreendimentos desta natureza. Foi assim com colonos alemães diretamente imigrados (a primeira leva chegou em 1856) que se iniciou a formação da atual cidade. Estes colonos dedicaram-se à plantação de café, produto este que, ao lado da extração de madeiras, passou a constituir o esteio econômico da região. Pouco a pouco a cidade logrou desenvolver-se principalmente depois que passou a ser estação da estrada de ferro (1889).

Em 1940 Teófilo Otôni abrigava 11 968 habitantes constituindo um centro urbano de amplo raio de influência. O café e principalmente a extração e industrialização de madeiras constituem as principais atividades regionais, ao mesmo tempo que a pecuária é bem desenvolvida, sendo importante a produção de manteiga. Após a crise geral do café e diante do esgotamento dos solos, grande número de agricultores voltou-se para a cultura da mandioca e produção de farinha, encontrando-se com frequência os rudimentares engenhos de farinha,

ao lado de não menos numerosas pequenas destilarias de aguardente. É afa-
madeado também o mercado de pedras semipreciosas de Teófilo Otôni, destacan-
do-se as águas-marinhas que têm grande procura.

Resta finalmente o médio vale do rio Doce que estabelece o limite com a
zona de povoamento denso (zona da Mata) e que em parte é uma continuação
da mesma. Enquanto o curso médio, de Governador Valadares para jusante,
vive de atividades diversas estando em primeiro lugar a pecuária e a in-
dústria madeireira, o alto curso caracteriza-se mais pela mineração e indústria
metalúrgica. Esta parte do vale do rio Doce, a não ser a região de suas cabe-
ceiras, permaneceu por muito tempo isolado até que no terceiro decênio do
século XIX foi aproveitado como via de acesso natural pela Estrada de Ferro
Vitória-Minas. A principal finalidade desta estrada de ferro foi a de escoar o
minério extraído na região central de Minas para um porto do litoral, mas, a
par disso, favoreceu sobremaneira o transporte de todas as mercadorias pro-
duzidas no vale.



Fig. 7 — *Aspecto típico do relevo horizontal do Planalto Central entre Campina Verde e Canal São Simão. À direita da fotografia pode-se observar uma superfície regular que foi fortemente dissecada. A cobertura vegetal é o cerrado — vegetação típica desta região.*

Governador Valadares, (fig. 6) o maior centro urbano do trecho mineiro do vale é, acima de tudo, um centro madeireiro tendo em suas imediações numerosas invernadas. Estas invernadas foram instaladas em terrenos desbravados na mata-plantando-se nos mesmos o capim colonião. A indústria madeireira, a principal atividade econômica da região é bastante desenvolvida, escoando a estrada de ferro grandes remessas de toras brutas e madeiras serradas para o porto de Vitória. Há além disso uma usina de açúcar que aproveita os terrenos do rio para plantações de cana e outras pequenas indústrias. É compreensível por isso que a cidade tenha uma população urbana relativamente importante, que em 1940 atingia a cifra de 5 734 habitantes.

Em direção à jusante aparecem ainda três núcleos urbanos de relativa importância para a região: Conselheiro Pena, Resplendor e Aimorés. Todos são estações da estrada de ferro dependendo a sua importância desta função. Conselheiro Pena tinha em 1940 apenas 1 993 habitantes e sua importância deriva

do fato de ser a estação de embarque dos produtos que provêm da zona pioneira de Mantena. A partir desta cidade sai a estrada que vai vencer a abrupta frente de serra que se estende junto a Aldeia de Cima. Esta serra representa a frente dissecada de um grande bloco basculado, cuja superfície de 800 metros de altitude ficou por muito tempo despovoada. De 1935 em diante, iniciou-se, entretanto, o povoamento e aproveitamento desta área processando-se a plantação de cafézais nos terrenos virgens resultantes da devastação da mata. Para conselheiro Pena é drenada grande parte da produção desta zona, seguindo o restante para Resplendor e Colatina. Resplendor com 1 631 habitantes e Aimorés com 3 853 habitantes são igualmente duas pequenas cidades dependentes da estrada de ferro. Aimorés que fica próximo à divisa com o estado do Espírito Santo dista menos de 10 quilômetros de Baixo Guandu, a cidade mais próxima neste último estado, disputando com a mesma a primazia de centralizar as atividades dêste trecho do vale do rio Doce.

Nos altos vales, tanto do Suaçuí-Grande como do rio Doce propriamente dito, predominam as atividades de mineração embora a pecuária e a agricultura não deixem de estar presentes. Grandes áreas são reservadas para a exploração de lenha destinada à produção de carvão utilizado pelas siderúrgicas. Importantes jazidas de minério de ferro em plena exploração são encontradas nesta zona fornecendo a matéria prima necessária às indústrias locais e minério para a exportação através do porto de Vitória.

Entre o rio Mucuri e o rio Doce chama a atenção um grande vazio demográfico correspondente à atual zona litigiosa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A permanência dêste claro deve ser interpretada como consequência de posição excêntrica em relação às principais vias de penetração em que ficou esta região. A penetração através do vale do rio Mucuri, realizada do interior em direção ao litoral foi um movimento de libertação econômica de uma região asfixiada e a intenção era apenas conseguir uma via de escoamento não havendo interesse em penetrar nas densas matas mais ao sul. A extensa região de matas ficou assim esquecida e isolada começando apenas a ser penetrada com o movimento pioneiro na região de Mantena.

Triângulo Mineiro

Como verdadeiro apêndice do estado de Minas Gerais o Triângulo Mineiro estende-se para oeste separando o estado de São Paulo do estado de Goiás. Esta sua posição intermediária teve como consequência que todo movimento que se processava entre São Paulo e as minas de ouro em Goiás se fazia através do Triângulo Mineiro facilmente cruzado em virtude de sua topografia plana. Desde cedo, portanto, contava esta região com uma via de acesso através da qual podiam chegar com relativa facilidade os elementos povoadores. A princípio, entretanto, esta região era apenas um ponto de passagem obrigatório não interessando aos aventureiros cujo destino eram as famosas minas de ouro. A necessidade de estabelecer pousos e de abastecer as tropas que trafegavam pela estrada acabou, no entanto, por fixar uma pequena população em núcleos distribuídos ao longo da estrada. Uberaba, a capital regional do Triângulo, originou-se nesta época constituindo, um pouso de tropas da estrada

para as minas Estes primeiros povoadores requereram sesmarias e diante da existência dos extensos campos naturais, de solos pobres e impróprios à agricultura, viram-se naturalmente inclinados para a criação de gado que, começando incipientemente, acabou por tomar um notável desenvolvimento na região. Ainda nos dias atuais é esta a principal atividade econômica do Triângulo seja sob forma de criação e engorda de gado de corte, seja na produção de produtos laticínios, principalmente de manteiga. A par da pecuária começou a desenvolver-se também a agricultura, localizada em algumas áreas de solos excepcionalmente férteis, resultantes da decomposição de rochas eruptivas. Estas aparecem ao longo dos grandes rios e na área da Mata da Corda que embora a rigor não esteja compreendida na região habitualmente delimitada como Triângulo Mineiro será aqui para facilidade de interpretação englobada na mesma

Examinando-se o mapa de distribuição da população podem-se observar zonas de maior densidade, correspondendo às áreas em que predomina a lavoura, e zonas menos povoadas relativas à área criadora. As maiores concentrações alinham-se ao longo dos vales dos grandes rios mas não se trata, como pode parecer à primeira vista, de um problema de obtenção de água e sim de fertilidade dos solos. O Triângulo Mineiro fazendo parte do Planalto Central do Brasil, caracteriza-se pelas imensas chapadas de topografia muito plana e com altitudes que oscilam em torno de 800 a 900 metros. Estas chapadas constituem um capeamento de rochas sedimentares constituídas de arenitos muito permeáveis e pobres cuja decomposição resultou em solos igualmente muito permeáveis e inférteis. Esta permeabilidade ocasiona nos chapadões um sério problema de economia de água no solo. Todos estes fatores adversos acham-se expressos na cobertura vegetal que é constituída de campos de diferentes tipos, predominando os campos cerrados. (Fig. 7).

O capeamento de arenitos repousa, entretanto, sobre um embasamento de rochas eruptivas com qualidades excepcionais na formação de solos férteis e de propriedades físicas as mais apropriadas para a agricultura. Este embasamento é pôsto a descoberto pela força erosiva dos grandes rios e é por este motivo principalmente que os vales dos mesmos constituem áreas férteis, fertilidade esta expressa pela própria cobertura vegetal que é aí de mata. Este contraste chocante: chapadões inférteis e desprovidos de água e vales de solos férteis, naturalmente influiu na maior tendência para a lavoura ou para a criação. Enquanto a lavoura se vê restringida por estes fatores a determinadas áreas, a pecuária também não deixa de existir nas mesmas ocupando tanto os chapadões como os vales. Os campos naturais em si não são suficientes para sustentar o gado e, principalmente, na estação seca há necessidade de recorrer às invernadas que se localizam na área agrícola de solos de mata

Estes são os motivos que explicam a maior concentração da população ao longo dos grandes rios, onde se realiza a agricultura. Ao longo do rio Paraíba e seus afluentes cultivam-se cereais e principalmente arroz, uma cultura pode-se dizer tradicional do Triângulo Mineiro. No vale do rio Grande a cultura do arroz também é difundida mas, por influência paulista, o café ocupa também uma posição importante. Quanto aos municípios que abrangem regiões mais afastadas destes rios, compreendendo extensas áreas de chapadões, encon-

tiam a sua principal atividade econômica na criação de gado tendo-se notabilizado pelo desenvolvimento dos plantéis de gado zebu. Neste sentido tornou-se afamado o município de Uberaba cuja sede conheceu um intenso surto de desenvolvimento durante o período áureo do gado indiano.

A região da Mata da Corda que aparece no mapa com uma concentração de população relativamente imponente é uma região por excelência agrícola, ao mesmo tempo que a pecuária também está representada sob a forma de numerosas invernadas onde se faz a engorda de gado. Constituinte uma área bastante extensa de matas contínuas que se desenvolveram sobre solos oriundos de rochas vulcânicas, esta região apresenta qualidades que serviram de atração a uma população relativamente densa.

Dentre os núcleos urbanos do Triângulo Mineiro destacam-se pela sua importância as cidades de Uberaba, Uberlândia e Araguari, respectivamente com 31 259, 21 530 e 15 974 habitantes em 1940. A disposição em linha destas três cidades revela não só a sua origem ao longo do caminho para Goiás como a sua atual importância decorrente da localização ao longo da estrada de ferro que faz a ligação com Anápolis. Uberaba, a mais importante das três, tem além disso ligação ferroviária com Belo Horizonte sendo o ponto de entroncamento da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, que vem de Campinas e segue para Araguari, e da Rede Mineira de Viação que chega de Belo Horizonte. Goza, portanto, de relativas facilidades de comunicação e transporte o que lhe permitiu um considerável desenvolvimento. A sua origem data do raiar do século XVIII quando após a descoberta das minas de Goiás pelos bandeirantes passou aquela região a ser trafegada pelas tropas e caravanas que iam ou voltavam das minas. Algumas fazendas de gado foram o ponto inicial do futuro núcleo urbano cujo desenvolvimento se deve à sua função de ponto de pouso das tropas. O fato de estar localizada no centro de uma extensa área de campos naturais tornou esta cidade um mercado de gado, função esta que a celebrizou após a introdução do gado indiano que logrou uma rápida expansão nesta zona. Uberaba tornou-se então a "capital do zebu", afamada pelo seu plantel de reprodutores e pelos seus rebanhos de gado de corte. A existência de duas estradas de ferro permitia um fácil escoamento do gado para os matadouros de Barretos e para Belo Horizonte. Desta forma tornou-se a cidade uma verdadeira capital regional do Triângulo Mineiro logrando condensar a população urbana relativamente importante que apresenta.

Uberlândia, a rival de Uberaba na conquista dos mercados regionais, data de 1888 quando foi criada com o nome de São Pedro de Uberabinha. Da mesma forma que a sua irmã deve a sua importância principalmente aos seus plantéis de gado selecionado de raças indianas. Além disso, concentra atualmente uma ativa vida comercial e apresenta uma série de pequenas indústrias relacionadas com as atividades agrícolas e pastoris. Através de uma rede relativamente importante de estradas de rodagem exerce uma ação centralizadora sobre uma vasta região em torno, que envia para lá os produtos a serem embarcados pela Companhia Mojiana de Estradas de Ferro.

Araguari deve a sua importância principalmente pelo fato de se realizar na mesma a baldeação entre o movimento ferroviário que vem de São Paulo pela Companhia Mojiana e que segue para Goiás por intermédio da Estrada

de Ferro Goiás. Além da pecuária que é bem desenvolvida, Araguari, pelo fato de sua proximidade das zonas agrícolas do vale do Paranaíba, tem na agricultura uma importante fonte de renda.

Estas três cidades cujo alinhamento representa o traçado da estrada de ferro constituem também como que um limite entre uma zona de povoamento mais denso a leste, englobando além do Triângulo propriamente dito, as áreas do alto Paranaíba e da Mata da Corda, e uma zona de povoamento mais rarefeito a oeste na área englobada pela confluência dos rios Grande e Paranaíba. Este extremo oeste representa um vazio demográfico resultante da falta de vias de comunicação apresentando-se aí a população bastante rarefeita. A pecuária extensiva e uma incipiente agricultura nos vales são as atividades desta região.

A região do alto Paranaíba caracteriza-se pela mineração e criação extensiva e parcialmente por uma agricultura relativamente adiantada. No primeiro caso se inclui a região dos municípios de Coromandel, Monte Carmelo, Estrêla do Sul que é afamada pelos diamantes nela encontrados. Ao par disso apresenta apenas uma pecuária extensiva realizada nos campos cerrados que predominam na região. Nos municípios de São Gotardo, Patos (Patos de Minas), Carmo do Paranaíba e Rio Paranaíba que constituem a chamada Mata da Corda, ao contrário, predomina a agricultura realizada nos solos férteis resultantes da decomposição de tufos vulcânicos. Apesar de não ser percorrida por uma importante via de comunicação, pois, a Rêde Mineira de Viação passa ao largo, cortando uma região pobre e pouco povoada, a Mata da Corda logiou um considerável desenvolvimento graças às qualidades excepcionais de seus solos próprios à lavoura. A ocupação humana foi por isso bastante intensa condensando-se aí uma numerosa população rural concentrada em propriedades rurais bastante subdivididas.

Região do Urucuia

Esta zona representa a mais extensa área de rarefação demográfica do estado. Constituindo o extremo noroeste do mesmo, do rio São Francisco para oeste e da Mata da Corda para o norte, foi antigamente uma zona de mineração dedicando-se atualmente à pecuária extensiva realizada nas vastas extensões de campos cerrados de que é formada. O único núcleo urbano relativamente importante que ocorre na mesma é Paracatu com 4 287 habitantes em 1940. É uma das cidades mais antigas do estado tendo surgido em função da mineração de ouro e diamantes. Com o declínio destas atividades entrou num período de estagnação conservando até hoje o seu aspecto de velha cidade colonial com suas igrejas e construções históricas.

A absoluta falta de comunicações tem sido um sério empecilho ao desenvolvimento desta região que já por si é desprovida de recursos naturais, pois, é constituída de extensas chapadas de solo pobre cobertas apenas por campos cerrados. A criação extensiva de gado "curraleiro" ou "pé duro" é praticamente a única atividade que pode ser encontrada na mesma, descendo as boiadas para o Triângulo Mineiro e daí para Barretos um dos mais importantes mercados de gado gordo do norte do estado de São Paulo.

Conclusão

Encarando no seu conjunto a distribuição da população no estado de Minas Gerais podem ser ressaltados diferentes fatos: em primeiro lugar, a flagrante diferença entre a metade sul, densamente povoada e rica em centros urbanos e a parte norte onde a densidade demográfica decresce progressivamente à medida que se avança mais para o norte. As principais causas que determinam esta diferença foram analisadas no texto e podem ser resumidas no seguinte: posição geográfica favorável da área do sul em relação às comunicações e aos mercados consumidores, diferença de natureza geológica e topográfica dos terrenos, influyendo na maior ou menor fertilidade dos mesmos e ainda as causas ligadas ao desenvolvimento histórico.

Os mais importantes centros urbanos se concentram na metade sul do estado, ao longo das principais vias de comunicação. Examinando-se os poucos núcleos de importância que aparecem na metade norte pode-se observar que praticamente todos são pontos terminais de vias de transporte ou entroncamento, sendo sua importância resultante de sua função de “ponta de trilhos”. Assim temos: Teófilo Ottoni, Diamantina, Montes Claros e Pirapora que se dispõem segundo um semicírculo em torno da capital. Toda a área que se estende além destes centros fica abrangida na sua esfera de influência e os núcleos que ocorrem são apenas pequenos centros locais, sem importância regional.

Outro fato que pode ser verificado é a influência dos grandes rios na parte nordeste do estado. Enquanto na metade sul a rede de comunicações se desenvolveu em função das necessidades não se prendendo estritamente aos grandes traços do relevo, na metade norte onde o desenvolvimento econômico não foi de molde a atrair o investimento de capitais, as comunicações obedeceram mais às grandes vias naturais que são neste caso os rios. Esta dependência não está relacionada exclusivamente à navegação fluvial, pois, as próprias comunicações terrestres preferem os vales não só por motivos topográficos como pela maior facilidade de penetração por ocasião do período de desbravamento.

Quanto à população rural pode-se explicar a sua maior concentração no extremo sul em virtude da maior diversidade de atividades, predominando a agricultura que age como concentradora de braços. Na parte norte, ao contrário, a criação extensiva ocupa uma mão de obra bem mais modesta, apresentando-se a população esparsa e rarefeita.

Os grandes vazios demográficos que ocorrem no estado são uma consequência da falta de comunicações em determinadas áreas ou o resultado da influência repulsiva ao povoamento de certos fatores vigorantes nas mesmas. Neste último caso está a área da mata da Jaíba no norte do estado onde a malária endêmica torna o povoamento muito difícil, sem medidas prévias de saneamento. O grande vazio demográfico da zona do Uruçua é uma consequência dos solos pobres e da falta de comunicações aliada à excessiva distância em relação aos centros consumidores. O mesmo fato se dá com o extremo oeste do Triângulo Mineiro que ainda permanece escassamente povoado. Quanto ao vazio correspondente à zona litigiosa pode-se considerá-lo como uma última reserva que atualmente está em vias de intensa exploração.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- BARBOSA, Otávio — *Resumo da Geologia do Estado de Minas Gerais*, Bol 3, 40 páginas. Oficinas Gráficas de Estatística, Secretaria da Agricultura Belo Horizonte, 1937
- CAPISTRANO DE ABREU, J, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, 259 páginas Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1930
- Conselho Nacional de Geografia — Secção de Estudos Geográficos, *Divisão Regional do Brasil: Região Leste* 103 páginas Rio de Janeiro, 1950
- DENIS, Pierre — “Amérique du Sud: Le Brésil” *Géographie Universelle*, tome XV, Première Partie, 210 páginas, 36 figuras, 64 fotografias, Librairie Armand Colin, Paris, 1927
- HARTT, Charles Frederick — *Geologia e Geografia Física do Brasil*, 649 páginas, 94 figuras Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, vol 200 Cia Editora Nacional, São Paulo, 1941
- PRADO JÚNIOR, Caio, *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*, 388 páginas Editora Brasiliense Ltda São Paulo, 1945
- RIBEIRO LAMECO, Alberto — “Análise Tectônica e Morfológica do Sistema da Mantiqueira, Brasil” *Anais do II Congresso Pan-Americano de Engenharia de Minas e Geologia* Outubro de 1946
- SILVEIRA, Álvaro Astolfo da — *Geografia do Estado de Minas*, 303 páginas, 3 mapas, 10 fotografias Oficinas Gráficas de Oliveira Costa & Cia Belo Horizonte, 1929
- SILVA M F, Moacir — *Geografia dos Transportes no Brasil*, 254 páginas, 114 figuras e 15 estampas Publicação n° 7 da série A — Livros Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Geografia Rio de Janeiro, 1949

Periódicos

- CASTRO SOARES, Lúcio de — “O vale do rio Doce: sua conquista e colonização” *Boletim Geográfico*, ano II, n° 15, junho de 1944, pp 332-337, 1 fotografia
- CAVALCANTI, Lysia Maria — “As excursões ao Pico da Conceição e à Fazenda de Betânia”, 76ª Tertúlia semanal, realizada a 8 de agosto de 1944 *Boletim Geográfico*, ano II, n° 19, outubro 1944, pp 1036-1042
- COELHO DE SOUSA, Elza — “Distribuição das propriedades rurais no estado de Minas Gerais”. *Rev Bras Geog*, ano XIII, n° 1, janeiro-março de 1951, pp 47-70, 3 mapas fora do texto.
- DEFFONTAINES, Pierre — “O Paraíba, estudo de rio no Brasil”, *Boletim Geográfico*, ano III, n° 30, setembro de 1945, pp 830-835
- GUIMARÃES, Fábio Macedo Soares — “O Planalto Central e o problema da mudança da capital”, *Rev Bras Geog*, ano XI, n° 4, outubro-dezembro de 1949, pp 472-542, 53 figuras, 2 mapas fora do texto
- JUNQUEIRA SCHMIDT, José Carlos — “Origem e desenvolvimento de Belo Horizonte” 61ª Tertúlia realizada a 18 de abril de 1944, *Boletim Geográfico*, ano II, n° 16, julho de 1944, pp 455-458
- KOIFFMAN, Fanny — “A viagem Rio-Belo Horizonte”, 57ª Tertúlia realizada a 21 de março de 1944, *Boletim Geográfico*, ano II, n° 15, junho de 1944, pp 332-338
- KOIFFMAN, Fanny — “Viagem de Monlevade a Nova Era”, 70ª Tertúlia semanal, realizada a 27 de junho de 1944, *Boletim Geográfico*, ano II, n° 17, agosto de 1944, pp 707-712
- LENZ CÉSAR, Hédio, “Viagem Itabira-Governador Valadares”, 77ª Tertúlia semanal, realizada a 5 de setembro de 1944, *Boletim Geográfico*, ano II, n° 19, outubro de 1944, pp 1042-1048
- SEGADAS VIANA, Maria Teresinha — “Trecho Governador Valadares-Vitória”, 80ª Tertúlia semanal, realizada a 3 de outubro de 1944, *Boletim Geográfico*, ano II, n° 20, novembro de 1944, pp 1182-1189

- VALVERDE, Orlando — “Divisão Regional do Vale do São Francisco”, *Rev Bras Geog.*, ano IV, n° 2, abril-junho de 1944, pp 179-218, 9 croquis, 24 fotog 6 mapas (2 fora do texto), 4 gráficos.
- VALVERDE, Orlando — “Dois ensaios de geografia urbana: Pirapora e Lapa”, *Rev. Bras. Geog.*, ano VI, n° 4, outubro-dezembro de 1944, pp. 509-526, 13 fotografias, 1 planta, 2 figuras.

Inéditos

- Relatório preliminar da excursão ao vale do São Francisco, em 1950*
- MAGNANINI RUTH — *Distribuição da população na bacia do rio São Francisco, em 1940.*
- Relatório da excursão ao vale do rio Doce, em 1950.*

Mapas

- BARBOSA, OTÁVIO e GUIMARÃES (Djalma) — *Mapa Geológico do Estado de Minas Gerais* — 2 fôlhas, escala 1 : 1 000 000. Serviço Geológico do Estado de Minas Gerais — Secção de Cartografia da Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1934
- Mapa Geológico do Brasil* — Escala 1 : 5 000 000, Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia — Cia Litográfica Ipiranga, São Paulo, 1942

Inéditos

- Mapa hipsométrico do estado de Minas Gerais* — Escala 1 : 750 000, Secretaria Geral do Conselho Brasileiro de Geografia, Secção de Estatística Territorial — Diretoria de Estatística da Produção, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1938

RÉSUMÉ

Cet article qui traite de la distribution de la population dans l'état de Minas Gerais a été préparé avec les données fournies par le recensement de 1940

Pour faciliter l'étude de la carte, l'auteur a divisé l'état en zones démographiques, de limites un peu arbitraires, suivant divers facteurs physiques et économiques: 1) le sud de Minas et la zone de la Mata, qui correspondent à l'aire de population plus dense; 2) la zone du Nord-Est, qui comprend la région qui se trouve entre la vallée du São Francisco et le fleuve Doce; 3) le triangle Mineiro et, finalement, la zone de l'Urucua

Il y a tout d'abord un grand contraste entre le sud et le nord de l'état où la distribution est très inégale et présente des vides démographiques

La région du sud, qui est la région la plus importante au point de vue économique et industriel, concentre plus de 50% de la population totale de l'état. On y distingue deux zones démographiques: "la zone du sud de Minas" et la "zone de la Mata", séparées par une région de population moins dense et qui correspond aux hauts plateaux du fleuve Grande

L'auteur cherche, ensuite, à mettre en évidence les différents facteurs qui contribuent à la formation des aspects démographiques de ces zones: facilité des transports, proximité des grands centres de consommation et existence de sols fertiles

L'auteur fait ensuite des considérations en sujet de la région située entre la haut de la vallée du fleuve Doce et l'état de Espírito Santo qui constitue au point de vue de la distribution de la population une continuation de la zone étudiée précédemment, quoiqu'elles présentent des différences en bien d'aspects physiques et économiques

La région Nord-Est, s'étend à l'est du fleuve São Francisco, au nord du fleuve Doce et comprend le bassin du Jequitinhonha. C'est la zone démographique où la densité de la population est plutôt moyenne et dont la distribution est irrégulière. Cette région se trouve éloignée des grands voies de communication et subit, par suite, l'influence des grands bassins hydrographiques. C'est ce point de vue que l'auteur étudie, séparément, la population de chaque bassin. Il présente d'abord un aperçu général de la population de la vallée du São Francisco, et cherche de la même à établir une corrélation avec les conditions physiques et économiques de la région

La ville de Montes Claros est indiquée comme étant le point de centralisation de toutes les activités économiques et industrielles de la région

La vallée du Jequitinhonha se distingue de celle du São Francisco aussi bien par les genres d'activités qu'on y exerce que par la manière dont elle a pris essor: tandis que le développement du Jequitinhonha commença par l'exploitation de l'or et du diamant, celui du São Francisco provient de l'élevage et de l'agriculture

La vallée du Mucurijona un rôle prépondérant dans le développement de la région, car il offrait une bonne voie de pénétration et facilitait grandement les transports

Des comparaisons démographiques et économiques du Triângulo Mineiro ensuite, sont faites par l'auteur, lequel observe que les plateaux sont moins peuplés que les vallées, où l'agriculture est la principale activité économique

Finalement, des considérations sont faites à propos de la région de Urucua qui, à cause de la pauvreté en ressources naturelles et moyens de transports, est l'aire la moins peuplée

En concluant, l'auteur, met en évidence le grand contraste qui existe entre la moitié nord et la moitié sud de l'état de Minas et qui provient simplement de la situation géographique en relation aux transports et aux marchés, de la différence existante entre la nature géologique et topographique des terrains et, aussi, à cause des influences historiques

RESUMEN

Este artículo trata de la distribución de la población en el Estado de Minas Gerais. Fue preparado con datos divulgados por el Censo de 1940.

Para comprensión del mapa, el autor dividió el Estado en zonas demográficas, con límites un poco arbitrarios de acuerdo con diversos factores físicos y económicos: 1) el sur de Minas y la zona de la Mata, que son el área de población más densa; 2) la zona del Nordeste situada entre el valle del São Francisco y el río Doce; 3) el Triángulo Mineiro y la zona de Urucua.

La región meridional que es la más importante desde el punto de vista económico y industrial, concentra más de 50% de la población total del Estado. Comprende dos zonas demográficas: "la zona del sur de Minas" y "la zona de la Mata", separadas por una región raramente poblada, correspondiente a las mesetas del alto río Grande.

El autor pasa a estudiar los diferentes factores que concurren para la formación de los aspectos demográficos de esas zonas: facilidad de transportes, proximidad de los grandes centros de consumo y la existencia de suelos fértiles.

Hace después consideraciones acerca de la región situada entre el alto valle del río Doce y el Estado del Espírito Santo que constituye desde el punto de vista de la distribución de la población una continuación de la zona estudiada anteriormente, aunque las dos presentan aspectos físicos y económicos muy diferentes.

La región Nordeste se extiende al este del río São Francisco y al norte del río Doce, incluye también la cuenca del Jequitinhonha. Es zona de densidad demográfica media y distribución irregular de población.

Esta región se encuentra alejada de las grandes vías de comunicación y sufre, por eso, la influencia de las grandes cuencas hidrográficas. Bajo este punto de vista el autor considera, el problema de la población de las diversas cuencas, presentando primeramente un estudio general de la población del valle del São Francisco y buscando establecer correlación con las condiciones físicas y económicas de la región.

Se apunta la ciudad de Montes Claros como el centro de todas las actividades económicas e industriales de la región.

Observa después que el valle del Jequitinhonha se distingue del valle del São Francisco no solamente por los tipos de actividad conocidos en esta área, más también por la manera como se desarrollaron.

Mientras el poblamiento del primer resulta de la explotación del oro y del diamante, el del segundo fue hecho gracias a la ganadería y a la agricultura.

El valle del Mucuri tiene una posición muy importante en el desenvolvimiento, de la región como vía de penetración y comunicación.

Cuanto al Triángulo Mineiro, observa el autor que las mesetas son más pobladas que los valles donde la agricultura es la principal actividad económica.

Observa también que la región de Urucua, debido a su pobreza en productos naturales y medios de transportes, es el área de menor densidad.

En conclusión el autor resalta el gran contraste existente entre las mitades norte y sur del Estado de Minas, lo cual resulta de la situación geográfica relativamente a las comunicaciones y mercados, diversidad geológica y topográfica de los terrenos y también influencia de factores históricos.

SUMMARY

The present article on the distribution of the population of the State of Minas Gerais was elaborated according to the data of the census of 1940.

In order to facilitate the study of the map, the author divided the State into demographic zones of arbitrary delimitations, according to several physical and economical factors: 1°) The South of Minas and the zone of the Mata which includes the southern part of the State, are the most densely populated. 2°) The North East zone, between the São Francisco Valley and the Doce River. 3°) The Triângulo Mineiro and finally the zone of Urucua.

Ever since the beginning a great contrast arises between the South and the North of the State, where the distribution of the population is unequal having sometimes completely unpopulated zones.

The Southern zone is economically and industrially more advanced and it concentrates more than 50% of the total population of the State. There we have the two outstanding demographic zones: The Southern zone of Minas Gerais and the Zone of the Mata. They are separated from each other by an underpopulated belt corresponding to the higher planes of Grande River.

Further on, the author tries to make a study of the several factors which regulate the demographic aspect of those zones. Those factors are: Transportation facilities, small distance to the centers of consumption and the existence of fertile land.

The author examines the region between the high valley of the Doce River and the Espírito Santo State which from the population point of view and its distribution, a continuation of the above studied zone; though there are some differences of physical and economical nature.

The author points out the North-east region which is located between the East of São Francisco River and the north of the Doce River including the basin of the Jequitinhonha River. This region is of middle demographic density and its population is unequally distributed. This region is completely dislocated from the principal channels of communication. The influence exercised by the principal hydrographic basins is its distinguished feature. Based upon this principle the author studies the population of each basin in itself. First he makes a general outlook study of the population of the São Francisco Valley trying to link them to the economical and physical conditions of this region.

The author tries to point out the importance of Montes Claros City as a center of the economical and industrial life of that region.

Further on, the author studies the Valley of Jequitinhonha, which is different from the Valley of São Francisco, not only because of the activities exercised in its area, but the manner of its conquest as well. While the São Francisco Valley was populated due to the cattle and agriculture the Jequitinhonha Valley was wiped out due to the diamond and gold mining which took place in this region.

Then follows the study of the Mucuri Valley which played an important role as a channel of penetration and communication of the region.

Further on the author makes some demographic and economical comparison of the region called Triângulo Mineiro. He shows that the vast areas are underpopulated while the valleys are more densely populated, and the principal activity is agriculture.

Finally he comes to the area of the greatest demographic rarefaction which is the Urucuaia Region, on account of its poor natural resources and the lack of communications.

Concluding the author stresses the point that the great difference between the half part in the North and the other half in the South is simply resumed in the geographic position in connection with the communications and the markets, differences of geological and topographical sort of the soils and also the influences of historical causes.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Abhandlung über die Bevölkerungsverteilung im Staat Minas Gerais wurde nach den Angaben des Census von 1940 hergestellt.

Um die Untersuchung der Karte zu vereinfachen, teilte der Verfasser den Staat in verschiedene demographische Zonen, dessen Einteilung physische und wirtschaftliche Faktoren in Betracht nimmt. Diese Zonen sind folgende: 1) Der „*Sul de Minas*“ und die „*Zona da Mata*“ die das Südtel von Minas Gerais umfassen. Es ist das am dichtesten besiedelte Gebiet des Staates; 2) Das nordöstliche Teil, zwischen den Tälern des *São Francisco* und *Rio Doce*; 3) Das „*Triângulo Mineiro*“, und schliesslich 4) Die Zone von „*Urucuaia*“.

Der Verfasser betont erstens den grossen Unterschied zwischen der Süd- und Nordhälfte des Staates, in letzteren die Verteilung ungleich und mit grossen Lücken erscheint.

Die Südhälfte ist das wichtigste Teil des Staates in wirtschaftlicher und industrieller Hinsicht und beträgt über 50% der Gesamtbevölkerung des ganzen Staates. Zwei demographische Zonen können hier unterschieden werden: die Zone „*Sul de Minas*“ und die Zone „*da Mata*“, durch einen dünner besiedelten Streifen getrennt der den Hochebenen des Oberlaufes vom *Rio Grande* entspricht.

Weiter versucht der Verfasser die verschiedenen Faktoren die die Bevölkerungsverteilung dieser verschiedenen Zonen bedingen zu untersuchen: die Verbindungsmöglichkeiten, die Bestehen von Absatzmärkten, die Anwesenheit fruchtbarer Landböden, usw.

Weiter wird das Gebiet zwischen dem Oberlauf des *Rio Doce* und den Staat *Espírito Santo* untersucht. Dieses besteht nach demographischer Ansicht als eine Verlängerung der vorhergehenden untersuchten Zone obwohl sie in vielen physischen und wirtschaftlichen Merkmalen verschieden ist.

Er beschreibt weiter das nordöstliche Gebiet das westlich des *São Francisco* und nördlich des *Rio Doce* liegt, einschliesslich des *Jequitinhonha*-Beckens. Es ist ein Gebiet mitteldichter Besiedlung mit unregelmässig verteilter Bevölkerung dass Abseits der wichtigsten Verbindungsachsen liegt und sich ganz unter den Einfluss der grossen hydrographischen Becken befindet. Nach diesem Gesichtspunkt untersucht der Verfasser in einzelnen die Bevölkerung jedes Beckens. Erstens wird die Bevölkerung des *São Francisco*-Tales untersucht, in Betracht der physischen und wirtschaftlichen Bedingungen die in diesen Gebiet bestehen. Weiter wird der Einfluss der Stadt *Montes Claros* auf das wirtschaftliche und industrielle Leben des Gebietes betont.

Weiter untersucht der Verfasser das *Jequitinhonha*-Tal dass sich von dem vorhergehenden nicht nur durch die menschliche Betätigung sondern auch durch die Art und Weise nach welcher sich die Besiedlung abspaltete unterscheidet. Die Besiedlung des *São Francisco* Beckens war eine Ursache der Viehzucht und der Landwirtschaft, im *Jequitinhonha* aber war der Bergbau (Gold und Edelmetalle) die anziehende Kraft.

Das *Mucuri*-Tal wird als wichtiger Eindringungs- und Verbindungsweg des Gebietes in Betracht genommen.

Demographische und wirtschaftliche Vergleichen im „*Triângulo Mineiro*“ werden weiter betrachtet. Es wird erklärt dass die ausgedehnte Hochflächen minderwertig besiedelt sind, während die Täler, in denen die Landwirtschaft grosse Rolle spielt, im Gegenteil dicht besiedelt sind.

Schliesslich wird das am dünnsten besiedelte Gebiet in Betracht genommen und zwar das Gebiet von *Urucuaia*, dass in Ursache der ungünstigen natürlichen Verhältnisse und den Mangel an Verbindungsmöglichkeiten vermeidet wird.

Als Schlussfolgerung betont der Verfasser dass der augenstechende Unterschied der zwischen der Süd- und Nordhälfte des Staates besteht in letzter Hinsicht auf die geographische Lage in Betracht der Verbindungsmöglichkeiten und der Absatzmärkte, auf geologische und topographische Unterschiede der Gelände und auf den Einfluss historischer Ursachen ruht.

RESUMO

Ĉi tiu artikolo pri la distribuo de la loĝantaro en ŝtato Minas Gerais estas ellaborita laŭ la donitaĵoj de la Popolnombro de 1940.

Por faciligi la studon de la mapo, la aŭtoro dividis la ŝtaton en demografiajn zonojn je limdifino iom arbitra, konforme al diversaj fizikaj kaj ekonomiaj faktoroj: 1) Sudo de Minas Gerais kaj la zono de la *Mata* (arbaro) enspacanta la sudan parton de la ŝtato: tiu estas la plej dense loĝatigita areo; 2) la zono de Nordoriento, entanata inter la valo de la rivero *São Francisco* kaj tiu de la rivero *Doce*; 3) la *Triângulo de Minas Gerais*; kaj fine la zono de la rivero *Urucuaia*.

Li akcentas jam en la komenco la grandan kontraston inter la studo kaj la nordo de la ŝtato, kie la distribuo estas pli malegala aperigante demografiajn malplenaĵojn.

La suda regiono, ekonomie kaj industrie la plej grava, koncentrigas pli ol 50% de la tuta loĝantaro de la ŝtato. Du demografiaj zonoj distingiĝas tie: „la suda zono de Minas Gerais“

kaj "la zono de la *Mata* (arbaro)", apartigitaj de iu strio kun malpli densa loĝatigo, kiu respondas al la altebenaĵoj de la supro de la rivero Grande

Poste la aŭtoro penas studi la diversajn faktorojn, kiuj kondiĉigas la demografiajn aspektojn de tiuj zonoj: facileco de cirkulado, proksimeco al la grandaj konsumantaj centroj kaj la ekzisto de frauktodonaĵoj

Estas ekzamenita la regiono inter la supra valo de la rivero Doce kaj Ŝtato Espírito Santo, kiu estas, de la vidpunkto de la distribuo de la loĝantaro, daŭrigo de la zono antaŭe studita, kvankam li diferencas pri multaj fizikaj kaj ekonomiaj aspektoj

Li montras sekve la nordorientan regionon, kiu estas entenata inter la oriento de la rivero São Francisco kaj la nordo de la rivero Doce, enhavanta la basenon de la rivero Jequitinhonha. Tiu estas la zono je meza demografia denseco, kun loĝantaro neregule distribuita. Tiu regiono estas tute forlokitita el la ĉefaj aksoj de komunikado kaj karakteriziĝas per la influo plenumata de la grandaj hidrografiaj basenoj. Bazante sin sur tiu principio, la aŭtoro studas la loĝantaron de ĉiu baseno aparte. Unue li faras ĝeneralan resumon de la loĝantaro en la valo de la rivero São Francisco, penante interrilatigi ĝin kun la fizikaj kaj ekonomiaj kondiĉoj, kiujn la regiono prezentas

Li penas montri la gravecon de urbo Montes Claros kiel centralizan kernon de la tuta ekonomia kaj industria vivo de tiu regiono

Daŭrigante, la aŭtoro studas la valon de la rivero Jequitinhonha, kiu diferencigas de tiu de la rivero São Francisco ne nur per la tipo de aktiveco plenumata en ĝia areo sed ankaŭ per la maniero, en kiu ĝia konkero okazis. Dum la rivero São Francisco estis loĝatigita dank'al la bestokulturo kaj al la terkulturo, la rivero Jequitinhonha estis esplorita pro la minekspluatado de la oro kaj de la diamantoj, plenumita en ĝia valo

Li studas la valon de la rivero Mucuri, kiu ludis elstaran rolon kiel vojo de penetrado kaj komunikado en la regiono

Li faras komparojn demografiajn kaj ekonomiajn en la Triangulo de Minas Gerais. Li montras, ke la altebenaĵoj prezentas malpli loĝatigitajn areojn, dum la valoj estas areoj dense okupitaj, kie la ĉefa ekonomia aktiveco estas la terkulturo

Fine estas traktita la areo je pli granda demografia maldenseco, kiu estas la regiono de la rivero Urucuia, konsekvence de la malriĉeco de naturaj rimedoj kaj de la manko de komunikadoj

Konklude la aŭtoro reliefas, ke la tute evidenta diferenco ekzistanta inter la norda kaj la suda duonoj de la ŝtato konsistas nure en la geografia pozicio rilate al la komunikadoj kaj al la komercejoj, en diferencoj de geologia kaj topografia karakteroj de la grundoj kaj ankoraŭ rilate al la influo de historiaj kaŭzoj